













**FEMINISMO NÃO É NEOLIBERALISMO DISFARÇADO DE MULHER –
ENTREVISTA COM DANITZA LUNA SOBRE O MUJERES CREANDO**

André Leal, Carol Illanes e Lucas Sargentelli

No dia 26 de junho de 2018 entrevistamos Danitza Luna, integrante do movimento político anarco-feminista boliviano *Mujeres Creando*, que veio ao Brasil naquele mês. *Mujeres Creando* nos parece uma iniciativa crucial para pensar hoje as relações entre esfera pública, estética e política. Sua contribuição a este dossiê apresenta ações concretas, continuadas e articuladas entre si, realizadas pelo movimento desde 1992. *Mujeres Creando* traz elementos para pensar a atualidade das práticas artísticas (ainda que crítico ao campo artístico de produção) visto que problematiza muito da racionalidade (e significação) autocontida nesse campo. *Mujeres Creando* também expõe, como dispositivo anarquista que é, a institucionalidade burocrática, os limites do Estado. Como diz María Galindo, uma das fundadoras e principais articuladoras do *Mujeres Creando*, “[estamos] instaladas aquém e além da relação única, exclusiva e obsessiva com o Estado”.

As fotografias que apresentamos nas páginas anteriores são uma seleção dos grafites feitos, em sua maioria, nas ruas de La Paz. Neles é possível notar, no gesto ágil e provocador, o imbricamento entre expressão, precisão conceitual e intervenção estético-política, característica do movimento também em outras frentes, como, por exemplo, naquilo que suas integrantes chamam de “ações de rua” (ações performáticas, com o corpo, em espaços públicos). Danitza nos contou durante a entrevista, como um efeito positivo, que ao longo dos anos a assinatura *Mujeres Creando* também começou a ser usada por pessoas de fora do movimento para escrever mensagens nas ruas, inspiradas pelo trabalho que elas vêm realizando.

Como você pensa a ideia de esfera pública?

Mujeres Creando tem 26 anos, então muitos conceitos foram pensados antes de eu chegar. Algo desse movimento é o fato de ser também uma escola, ter uma pedagogia. Não vou dizer que todas têm bagagem acadêmica, umas sim, outras não, mas muitas se formam politicamente. E a partir da formação política, não tanto acadêmica, nós refletimos sobre o público e o privado. Uma das primeiras coisas que eu aprendi é que, por exemplo, das posturas ideológicas de esquerda e de direita, a postura que faz realmente uma leitura não separada entre privado e público é a feminista. (...) Não concebo a prática política se não tem as duas coisas relacionadas, ambas coerentes. Há vários eixos de poder. Você pode ter uma porcaria de vida privada e vida pública que aparenta uma certa conduta. Quanta gente em sua vida pública esconde essas coisas? E quanto abuso de poder se gera por esconder essas coisas?

De cara, público é tudo o que fazemos na rua. O primeiro cenário é a rua. Até posso estar aqui no Brasil em uma residência de arte,¹ que é outro espaço que tomamos, pois também

¹ Danitza veio ao Brasil a convite do Programa de Residências Despina, com financiamento do fundo holandês de apoio a cultura Prince Claus. O projeto teve curadoria de Consuelo Bassanesi e Guilherme Altmayer. Despina é um espaço autônomo no Centro do Rio de Janeiro, que tem direção artística de Consuelo Bassanesi.



AÇÃO DE RUA. "REPUDIO A LA VISITA DEL PAPA A BOLIVIA ESTADO LAICO". 2016

tomamos os espaços da arte. Na Bolívia nós trabalhamos primeiramente com as mulheres, e para toda a sociedade. Então colocamos coisas não só como uma postura feminista fechada que só fala de assuntos de mulheres. Falamos de muitas coisas. Digo isso porque, na Bolívia, nós já somos publicamente uma referência de luta social. Recebemos convites para passar nossa experiência para outros movimentos. Esses movimentos aprendem com nossas práticas e as replicam. (...) Alguns grupos começam a entender que na vida pública a linguagem do protesto social está se esgotando. Que sair às ruas apenas com faixas e repetir os discursos não é prática efetiva.

Vida pública também é sair às ruas com os grafites. Essas foram as primeiras marcas que as fundadoras do movimento deixaram, apropriando-se do espaço da rua. Para fazer esses grafites pensa-se muito o lugar. Não é um vandalismo que faço em cima da parede que acabaram de pintar. Pensamos bem onde fazer, são lugares bem simbólicos. Perto de uma escola, perto de uma igreja... Isso foi antes de o movimento ter a casa [Danitza se refere à casa Virgen de los Deseos, gerida pelo movimento e sobre a qual conversamos a seguir], antes de ter a rádio [e aqui se refere à Radio Deseo 103.3FM, que o movimento leva ao ar desde 2008].

Você fala de outras práticas diferentes de sair às ruas com faixas e cartazes. Que outras práticas seriam essas?

Tem uma coisa que acontece nos movimentos sociais e que a gente vem fazendo que é colocar o corpo. Se trata realmente de *colocar* o corpo. Sair às ruas, intervir na rua. Às vezes, na ação, você não tem que gritar palavras de ordem, ser ruidoso, pôr a faixa na frente. Uma ação silenciosa também pode ser muito potente. Depende muito de outros elementos, do lugar, do momento. Fazemos ações de rua. Essa é a forma que temos de nos comunicar, que é muito potente e que gera impactos. Gera impactos mesmo havendo poucas mulheres. E daí se desmitifica a ideia de que, para gerar impacto social, tem que ser um movimento multitudinário, e de que, se não tem as massas, não é um movimento político. Ao contrário: temos conseguido gerar impacto sendo dez, sendo cinco ou sendo duas mulheres. É claro que a polícia pode reprimir. No meu caso tenho a vantagem de ter aprendido isso com pessoas que já fazem isso há 20 anos e que já têm experiência, sabem estratégias para lidar com a polícia.

Como é composto o coletivo e como se dão as práticas colaborativas?

As ações sempre são postas em discussão entre as mulheres que estão presentes, porque às vezes nem todas estão. Nem todas têm tempo; às vezes acontece algum imprevisto. Muitas fazem pausas, e depois regressam ou não. O número de integrantes varia. Nós acolhemos também muita gente que nos rodeia, mas que não pertence ao coletivo. Temos alianças com homens também, por exemplo. Eles estão conscientes de que a luta feminista

não é sua luta e de que o primeiro movimento que têm de fazer é deixar de ser machistas. E também com mulheres que, muitas vezes, não têm tempo, mas que são nossas aliadas ou colaboradoras eventualmente, ou que consomem o que produzimos. Há uma rede. Não somos um movimento fechado. Temos brigas com ONGs especialmente, porque sempre nos declaramos independentes, autônomas e autogestionadas. Dizemos o que queremos. Procuramos nossa própria grana. Uma coisa que Maria diz é que aprendemos a fazer muito com pouco. E essa é a capacidade mais subversiva que se pode ter. Para além da criatividade, é a garantia de que se pode viver muito tempo.

Conte-nos sobre a relação da prática de vocês com a cidade (La Paz e Santa Cruz de la Sierra). Qual o papel da casa/espço autogestionado Virgen de los Deseos?

A Virgen de los Deseos é a casa mais antiga que temos; tem 13 anos. Muitas atividades acontecem lá, mas é difícil de sustentar (economicamente). É um elemento físico, concreto que queremos que perdure. Todo o tempo estamos buscando que não nos custe tanto sustentá-la e ao mesmo tempo seguir fazendo nossas muitas atividades lá.

Temos, por exemplo, um serviço de assessoria legal para mulheres, o Mujeres en Busca de Justicia. Esse serviço existe há quase tanto tempo quanto a casa. É realizado por duas mulheres, uma advogada e uma assistente social, que precisam ganhar salário, pois é supertrabalhoso. E nós trabalhamos para sustentar esses salários. Na universidade elas ensinam que a lógica de trabalho pode ser diferente, trazendo de lá estagiários. Elas atendem cerca de 1.000 mulheres por ano.

Faz seis ou sete anos que tivemos a possibilidade de ter uma segunda casa, em Santa Cruz [de la Sierra], a cidade que tem várias similaridades com o Brasil. E essa cidade tem um machismo bem local. Uma companheira que mora em Santa Cruz e que vinha de outra corrente política se animou a assumir essa responsabilidade. Não começamos do nada. Vem de companheiras que já estavam vivendo lá e que estavam fazendo feminismo a partir do Mujeres Creando, mas diretamente em suas localidades, com as mulheres de Santa Cruz. Elas têm chamado o feminismo que praticam de Feminismo Cunumi. Em Santa Cruz especialmente, é um termo pejorativo para as mulheres de origem indígena. Elas se apropriam como um feminismo das marginalizadas. Elas estão fazendo outro feminismo que tem as mesmas práticas do movimento, mas já com linguagem local. Temos contato constante, pois sustentar a coordenação não é fácil. Acontece à medida dos nossos recursos e do número de mulheres disponíveis.

Quando você fala do Feminismo Cunumi e nos escritos, entrevistas, ações do Mujeres Creando, parece que há sempre essa tentativa de quebra de categorias.

É uma boa estratégia. Cada vez que querem te insultar, tome os insultos, aproprie suas palavras e devolva. Tem a ver com o trabalho que fiz aqui no Brasil, *El Milagroso Altar*



"ALTAR BLASFEMO". QUITO, ECUADOR. JULHO DE 2017

Blasfemo (que atua como objeto funcional estético e como memória do nosso trabalho). Na Bolívia há muita categorização. Antes se falava de mestiçagem, porque muitos têm sobrenome espanhol (apesar de as caras serem sumamente indígenas), mas prefiro dizer que todos somos filhos bastardos, ideia que tiro de María Galindo. Todos somos uma sociedade bastarda, por trás da qual há uma história de dominação e de abuso, e a partir daí deveríamos trabalhar.

Vocês também se contrapõem às identidades muito fixas.

Sim, vem acontecendo uma segregação das lutas. Negros por aqui. Lésbicas por aqui. Trans por aqui... E vão se instituindo agendas políticas prontas. Mas é muito duro brigar com outros movimentos que não têm clareza a esse respeito. É necessário amadurecer politicamente. E isso implica continuidade e aprofundamento das lutas. Eu odeio a palavra empoderamento. Porque é uma cooptação do vocabulário. Porque não apenas dizem onde você tem que chegar como também como deve falar: "Queremos igualdade", "Não queremos violência de gênero", "Não queremos violência nas famílias", "Não às drogas"... María [Galindo] foi a primeira lésbica pública em La Paz. Era muito pesado. Uma coisa que dizemos é que não há um feminismo, mas vários. Porque se começarmos a homogeneizar



"TALLERES DE GRAFICA FEMINISTA". DANITZA LUNA - MUJERES CREANDO. MAIO DE 2018 - DESPINA RJ

todas as posturas e os dissensos que acontecem entre as feministas, nos tornam uma gaveta a mais. E, por outro lado, muitas coisas que não são feminismo são chamadas de feminismo. O feminismo não é neoliberalismo disfarçado de mulher. Mulheres como Christine Lagarde ou Angela Merkel chegam ao poder e mantêm a mesma lógica econômica neoliberal que destrói países inteiros. Pessoas reivindicam as cotas de poder fazendo uso do feminismo. Não é apenas ter vagina, útero, ser uma mulher e estar em posições de poder. O governo atual da Bolívia [de Evo Morales] tem essa ideia bem neoliberal de progresso. Pode até se dizer de esquerda, mas tem uma raiz profundamente neoliberal. Querem trazer energia nuclear, liberaram os transgênicos... Evo Morales é grande aliado do agronegócio.

Que estratégias usar em tal panorama?

O movimento tem 26 anos, mas é importante dizer que não é um movimento que pretende se eternizar. Sim sou de outra geração, e há gerações depois de mim também, mas a ideia não é fazer o Mujeres Creando durar mais 100 anos. Um dia pode terminar ou pode derivar em outras coisas. É algo que María sempre teve em mente. Como movimento nos interessa aprofundar, mas não temos uma visão "exitista", de querer chegar a um ponto específico. A ideia é mais a de não ter esse limite. O que é característico do feminismo é que é uma transformação que de fato já está acontecendo. Se o feminismo se identifica com a rebelião é porque a rebeldia das mulheres já existe. O feminismo está levando esse

processo a sério. Essa revolução feminista não usa armas, e isso não tem retorno. Toda autovitimização não tem sentido. Esse é um ponto do nosso trabalho. Na Bolívia as mulheres têm tendência a se autovitimizar. Reparei isso bastante no Brasil também. A primeira atitude que temos é a de buscar tirar as pessoas da autovitimização. É todo um processo. Há mulheres também que resistem, preferem ficar nesse lugar. E nós não somos predadoras. Agora, com tudo o que acontece na Bolívia, eu não tenho ideia de aonde chegaremos. Temos um método de trabalho que, para mim, é ético, é coerente; para mim, funciona. E eu acho que esse método de trabalho faz com que sigamos existindo, e mais do que seguir existindo, gerando impacto. E não apenas impacto no nível midiático, que, sim, é algo que trabalhamos estrategicamente, mas impacto no nível concreto. É importante chegar a algo que realmente se possa tocar, sentir, um serviço...

Vocês vêm colaborando com outros movimentos?

Temos feito alianças com alguns movimentos. Temos trabalhado, por exemplo, com os deficientes físicos, com a Asamblea Permanente de Derechos Humanos de Bolívia, com um movimento indígena que defendia um parque nacional bem importante na Bolívia, o Parque Nacional Isiboro Secure TIPNIS (que o governo de Evo Morales quer praticamente destruir), e María faz um trabalho com mulheres em situação de prostituição, as putas. No feminismo há essa discussão de que sim, de que não, mas acreditamos que é necessário fazer coisas concretas, no presente. Então María está propondo uma modalidade nova, os bordéis autogeridos, para eliminar a figura e o poder do cafetão, com regras muito específicas para o benefício e a segurança das prostitutas; para que o Estado não as siga ferrando, para que possam exercer sua profissão de maneira autogestionada. Como não podem resolver a situação a partir das instituições, pelo menos se busca com isso tirá-las das mãos dos cafetões que as exploram. É um tema delicado, e cada uma de nós tem seu próprio desejo de cooperação.

Certo é que não somos ativistas. Não quero me ativar e desativar. Queremos aprofundar e transformar. Eu, nós estamos nisso todos os dias.

FOTOS: MUJERES CREANDO